

SOBRE A HISTÓRIA DA TEORIA DA NARRATIVA E A AMÉRICA LATINA: UMA TEORIA

Diego Perez¹

Resumo: A narrativa, como afirma Brian Richardson, está em todos os lugares e os esforços para compreender como esse fenômeno tão caro à humanidade funciona e nos afeta está em alta: nas mais diversas áreas do saber, em artigos, monografias, dissertações ou teses, na política, nos congressos, nas salas de aula, nos jornais, ou nas ruas mundo afora. Todo esse esforço, que ganhou um impulso considerável a partir da década de 1990, tem sido analisado por especialistas da teoria da narrativa como a consolidação de uma história que se legitima com a narratologia estruturalista na década de 1960 e, apesar de um tropeço entre o fim da década de 1970 e começo da década de 1980, se torna ainda mais potente com a entrada do século XXI. Em outras palavras, o que se observa é a sedimentação da *master narrative* – conceito de Richardson (2000) – da teoria da narrativa no ocidente. Contudo, um ponto cego dessa história é a forma como a América Latina tanto não parece ter cedido pensadores ao campo em mais de 50 anos de existência da área – como observado em manuais e vademécums – como raramente é notada nas versões apreensíveis dessa *master narrative* escritas por pesquisadores europeus e norte-americanos. Nesse sentido, o seguinte trabalho, enquanto resultado parcial de uma pesquisa de doutorado em andamento, se debruça a investigar os motivos que teriam levado a tal ausência pouco verossímil de latino-americanos na história dessa vertente teórica e seus desdobramentos na produção da história da crítica local e ocidental.

Palavras-chave: Ángel Rama; história da crítica; narratologia clássica; delírio; *master narrative*.

ON THE HISTORY OF NARRATIVE THEORY AND LATIN AMERICA: A THEORY

Abstract: Narrative, as Brian Richardson states, is everywhere, and the efforts to understand how this phenomenon so dear to humanity works is on the rise: in the most diverse areas of knowledge, in articles, monographs, dissertations or theses, in politics, at congresses, in classrooms, in newspapers, or on the streets around the world. All this effort, which gained considerable momentum since the 1990s, has been analyzed by specialists in narrative theory as the consolidation of a history that legitimizes itself with structuralist narratology in the 1960s and, despite a stumbling block between the end of the 1970s and the beginning of the 1980s, it becomes even more potent with the entrance of the 21st century. In other words, what is observed is the sedimentation of the *master*

¹ Doutorando em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Mestre em Letras - Estudos Literários pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Editor-chefe da revista on-line *ano II: ensaio*. E-mail: diego.tasloi@gmail.com. Currículo Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K8240601D8>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6800-3687>.

narrative - Richardson's concept (2000) - of narrative theory in the West. However, a blind spot in this history is the way in which Latin America does not seem to have yielded thinkers to the field in more than 50 years of the area's existence - as observed in manuals and handbooks - as it is rarely noticed in the apprehensible versions of this written master narrative by European and North American researchers. In this sense, the following work, which is a partial result of a doctoral research in progress, focuses on investigating the reasons that would have led to such an unlikely absence of Latin Americans to the field and its consequences in the production of the history of criticism, local and western.

Keyword: Ángel Rama; history of criticism; classic narratology; delirium; master narrative.

INTRODUÇÃO

O estudo da narrativa parece estar em alta.

Em Economia, Política, História, Biologia ou Comunicação, em artigos, monografias, dissertações ou teses, na política, nos congressos, nas salas de aula, nos jornais, ou nas ruas mundo afora. Digite narrativa ou história (nas mais diversas línguas) no Youtube junto com a palavra TEDx e se depare com dezenas de vídeos com milhares visualizações onde escritores, comediantes, antropólogos, jornalistas, comunicadores e tantos outros profissionais e especialistas discorrem sobre a importância e o poder da narrativa no mundo. Não surpreende que o termo “disputa de narrativas” tem se constituído como um dos grandes chavões desta primeira metade do século XXI: para o leigo ou para o especialista, compreender um pouco mais sobre a narrativa parece ter se tornado um sinônimo de se compreender um pouco melhor a vida.

Essa tendência de alta nos estudos que têm a narrativa como objeto privilegiado não veio do nada e, por certo, tem sido acompanhada por olhos atentos nas últimas duas décadas como foi o caso, por exemplo, da revista americana *Style* que se dispôs, na propícia virada de século, a editar um número inteiro para avaliar o tópico em questão: “Now, narrative is everywhere” dirá o editor convidado Brian Richardson logo na primeira frase do primeiro texto daquela edição de 2000, “Recent Concepts of Narrative and the Narratives of Narrative Theory” (2000), vislumbrando, desde então, o alvorecer onipresente dos estudos da narrativa:

Now, narrative is everywhere. The study of narrative continues to grow more nuanced, capacious, and extensive as it is applied to an ever greater range of fields and disciplines, appearing more prominently in areas from philosophy and law to studies of performance art and hypertexts. Nor is there any end in sight: the most important new movement in religious studies is narrative theology, and there is even a new kind of psychological treatment called

“narrative therapy.” Cognitive science offers experimental evidence for a claim that only recently was the hyperbolic boast of a practitioner of the nouveau roman: that narrative is the basic vehicle of human knowledge” (RICHARDSON, 2000, p. 168 GRIFO NOSSO).

“It is no exaggeration to say that the last ten years have seen a renaissance in narrative theory and analysis” (RICHARDSON, 2000, p. 168), ainda diria Richardson sobre o assunto. E de fato, como alguns estudos da primeira década do século XXI pareciam comprovar, os estudos da narrativa realmente se expandiram para todos os campos do saber. Nesse sentido, o próprio Richardson, juntamente com a pesquisadora austríaca Monika Fludernik, fariam, naquela mesma edição da *Style* uma espécie de mapeamento de tendências metodológicas - sob o título de “Bibliography or Recent Works on Narrative” (2000) - que já contava com ao menos 25 abordagens distintas dispostas em 9 grandes grupos. Outro importante trabalho que aferiu essa “renascença” dos estudos da narrativa foi o de Ansgar Nünning, “Narratology or Narratologies? Taking Stock of Recent Developments, Critique and Modest Proposals for Future Usages of the Term” (2005), inserido em *What is narratology?* (2005). Nele, 5 anos após a supracitada edição da *Style*, o pesquisador alemão mapeou ao menos 35 “novas narratologias” emergentes (que distribuiu em 8 grupos) naquele começo do século XXI, contando assim 10 enfoques a mais que seus antecessores. Um levantamento atual, se é que um trabalho hercúleo como esse poderia ser realizável, talvez expandiria exponencialmente esse número.

O que me deixa bastante curioso ao ler estes panoramas é que, ao que tudo indica, tal expansão ímpar dos estudos da narrativa nas últimas décadas não ter se entranhado de forma tão clara pela América Latina. De modo ilustrativo, em ambos os mapeamentos acima citados - o de Richardson e Flunernik, bem como o de Nünning -, cada qual com centenas de trabalhos citados, apenas dois nomes latino-americanos são referenciados: Matías Martínez, chileno com trajetória acadêmica alemã², e o também chileno, este erradicado nos Estados Unidos, Félix Martínez Bonati, investigador de base estruturalista e que, ainda que fosse um dos editores daquela *Style* de 2000 (o único latino) o mesmo não aparece na relação de Brian e Monika³.

² Seu livro *Introducción a la narratología: Hacia un modelo analítico-descriptivo de la narración ficcional*, publicado juntamente com Michael Scheffel em 2011 na Argentina é provavelmente o único material que pude encontrar do autor em espanhol e, mesmo assim, em tradução de terceiro.

³ Em entrevista exclusiva Brian de fato lamenta o fato de não citar Bonati: “The absence that I do feel badly about is Chilean Félix Martínez Bonati, whose work I had cited in my first monograph a few years earlier.”

Essa situação, que já resulta preocupante num escopo limitado de trabalhos preliminares, se torna ainda mais alarmante a medida em que se adentra o assunto. Assim, se olharmos para materiais de referências internacionais sobre o assunto, como vademécums ou manuais de teoria da narrativa como o americano *A Companion to Narrative Theory* (2005), o alemão *The handbook of narratology* (2009) ou o britânico *A Cambridge Companion to Narrative Theory* (2018), o que veremos, como tímidas exceções⁴, será a ausência patente de latino-americanos entre os teóricos da narrativa.

Por outro lado, se os nomes latino-americanos são escassos em publicações fora da América Latina, dentro da mesma pode mostrar um terreno tão árido quanto, a começar pelo fato de que “teoria da narrativa” ou “estudos narrativos” não parecem fazer parte do léxico terminológico latino-americano, ao menos quando relacionado ao campo literário. Quanto ao conceito “narratologia”, este (quando) faz aparições em materiais de referência segue sendo em sua acepção exclusivamente estruturalista das décadas de 1960 e 1970 e, mesmo nesta seara, nomes de contribuintes latino-americanos são raros.

Mas afinal, se *narrative everywhere*, como disse Richardson, porque ela não parece estar também na América Latina? Seria possível que nós, latino-americanos, não faríamos parte da história da teoria da narrativa? O que diz a história da teoria da narrativa?

A MASTER NARRATIVE DA TEORIA DA NARRATIVA

Pois bem, a teoria da narrativa, em toda sua complexidade e nuances, não é exatamente uma área de grande longevidade: possui, segundo os que se debruçaram sob o tema até o momento, exatos 55 anos no momento em que escrevo essas palavras (janeiro de 2021). A acuidade dessa relação histórica se dá por um evento inaugural, isto é, com a publicação da revista francesa *Communications* de número 8, no preciso ano de 1966. Tal publicação, como tem se interpretado, marca o nascimento da narratologia francesa e, por consequência, passa a dividir a história da teoria da narrativa em um antes e um depois. Esse depois, como ilustra muito bem Brian Richardson, se delinea da seguinte maneira:

⁴ Nomes como os de Matías Martínez e Félix Martínez Bonati aparecem também nesses materiais ao lado de alguns outros como o do americano-cubano José Esteban Muñoz e do uruguaio Gonzalo Frasca, todos de forma muito singela. *A Cambridge Companion to Narrative Theory* ainda demonstra uma “melhora” ao considerar como tema de interesse a literatura e cultura *chicana* produzida nos Estados Unidos, mas, para além da contribuição desses americanos de ascendência latina, não há muito o que dizer.

In America, a single, rarely questioned master narrative of modern critical theory has dominated literary studies for some time. It is an extremely familiar account; one of its versions runs as follows: at the beginning of the twentieth century, criticism was dominated by philological studies, historical and biographical speculation, and an impressionistic humanism. These were supplanted by various types of formalist approaches, one important strand of which culminated in the structuralist promise of a comprehensive, rigorous, linguistically grounded, objective, disinterested science of literature. Beginning in the late sixties, a number of poststructuralist theories challenged this orthodoxy and soon overthrew it, setting in its place a new series of issues, questions, methods, and valorizations that seriously addressed ideological issues, established the positionality of the reader, examined historical contexts, and affirmed the inherent impossibility of disinterestedness in such endeavors. Just as formalism had rightly succeeded the facile yet barren impressionism of earlier humanistic critics, the ideologically sophisticated and politically engaged schools that succeeded the formalists swept away the mania for structure, spurious objectivity, pretentious system building, false claims of organicism, and scientific excess (RICHARDSON, 2000, p. 170-171).

Sobre essa *master narrative*, que não é corrente apenas nos Estados Unidos como também percorre por toda a comunidade internacional da teoria da narrativa, Richardson ainda dirá que ela é “(...) so well entrenched that it is rarely questioned or indeed even noticed, and occasionally attempts are even made to map it (however clumsily) onto the very different history of narrative theory” (RICHARDSON, 2000, p. 171), o que parece ser o caso.

De forma exemplar, a obra *A Companion to Narrative Theory* nos apresenta um prólogo chamado “Histories of Narrative Theory”, incumbido à três autores distintos, em que as suas duas primeiras partes - “Histories of Narrative Theory (I): A Genealogy of Early Developments” (2005), escrita por David Herman, e “Histories of Narrative Theory (II): From Structuralism to the Present” (2005), escrita por Monika Fludernik - demonstram exatamente essa mesma *master narrative* de que fala Richardson: há uma história pregressa na qual diferentes grupos formalistas e imanentistas dão precedentes para a formação do campo na primeira metade do século XX; o cúmulo desses movimentos se dá com a chegada da narratologia francesa na década de 1960; a queda metodológica dessa mesma narratologia ocorre por volta dos anos 1980; e, por fim, por volta da virada do milênio, há a “renascença” dos estudos da narrativa numa proliferação de enfoques possíveis que serão denominados “narratologias pós-clássicas”, cunhando assim, por consequência, a narratologia francesa da década de 1960 como “clássica”. Com efeito, o trabalho de Fludernik, ao detalhar o surgimento, queda e renascimento da área, arrisca, inclusive, um título para a *master narrative*, “The rise and rise of narrative”:

The history of narratology has recently been cast in two different plots. The first plot, entitled “The rise and fall of narratology”, consists in a story that starts with early beginnings in Todorov, Barthes, and Greimas; finds its climax in Gérard Genette (with a few adjacent peaks taken up by F. K. Stanzel, Mieke Bal, Seymour Chatman, Gerald Prince and Susan Lanser); and thereafter plunges to a decline, thus suitably bracketing the discipline between the “death of the author” and the “death of narratology.” (...) The second, alternative plot, now dominant, sees classical narratology as a stage in the much more encompassing development of narrative theory. It bears the title “The rise and rise of narrative” (cf. Cobley’s “The Rise and Rise of the Novel”). In this competing plot, the adolescence of narratology was followed by a reorientation and diversification of narrative theories, producing a series of subdisciplines that arose in reaction to post-structuralism and the paradigm shift to cultural studies (FLUDENIK, 2005, p. 36-37).

História semelhante pode ser observada na entrada “Narratology” (2009) escrita por Jan Meister ao vade-mécum *The handbook of narratology* de modo que a subseção “History of the Concept and its Study” apresenta a seguinte linha temporal para o campo: precursores e teorias “pré-estruturalistas”⁵; estruturalismo francês considerado de 1966 até 1980; narratologia pós-estruturalista entre 1980 e 1990; e, finalmente, as narratologias pós-clássicas do período de 1990 até o presente. Com a adição da fase da narratologia pós-estruturalista (que nada mais é do que uma subdivisão do próprio estruturalismo), essa versão da história, como uma roda a mais a sedimentar a senda principal desse ambiente um tanto quanto inexplorado que é a história da teoria da narrativa, não parece se diferenciar em demasiada das de Fludernik ou de Richardson.

O livro *The Cambridge Companion to Narrative Theory*, por outro lado, parece considerar, num primeiro momento, novas possibilidades históricas sob o tema. Segundo exposto na Introdução do volume pelo seu editor Matthew Garret, um dos pilares da construção do vademécum é a relação entre a teoria da narrativa e a História: “Concerned above all, and in diverse ways, with the conjunction of history and narrative forms, this volume too is of its moment” (GARRETT, 2018, p. 8). E de fato, se nos aprofundamos em tais textos, é perceptível que “For some of us, that nexus – of form and history – is the constant goal or object of narrative theory, and it has been part of the tradition from the beginning (GARRETT, 2018, p. 7), principalmente se consideramos a sua Parte I denominada “Foundations”.

⁵ A saber: Platão e Artístóteles; o chamado paradigma normativo (teorias do romance do século XVII até princípios de XX); reintrodução do paradigma formal com Spielhagen e Friedemann; a disputa Aarne-Thompson versus Propp; formalistas russos; e demais teorias da narrativa “pré-estruturalistas” como Henry James, Lubbock, Pouillon e Friedman.

Tido como o texto mais representativo da programática do livro pelo próprio Garrett, “Narrative Theory’s *Longue Durée*” (2018), de Kent Puckett, realmente surpreende ao em sua abordagem ao tentar compreender a história da teoria da narrativa - a partir do conceito de *longue durée* proposto pelo historiador Fernand Braudel - não necessariamente descolada do seu suposto evento principal (o cúmulo da narratologia francesa na década de 1960) mas sim numa perspectiva em que esse evento é *compreendido* dentro de uma escala histórica muito maior que começaria ainda em Aristóteles:

I want to make the case that, seen not as a merely technical distinction between narrative levels but rather as a broadly philosophical effort to understand why events come to mean what they do, narrative theory is an important expression of an older and deeper but ultimately still contingent endeavor to understand the nature and the production of social values – a contested and often political endeavor that reaches back at least to Aristotle and could include figures such as St. Augustine, Geoffrey Chaucer, Miguel de Cervantes, Jane Austen, Hegel, George Eliot, Marx, Nietzsche, Freud, Henry James, Max Weber, Hannah Arendt, and others (PUCKETT, 2018, p. 14).

Não obstante, num olhar mais atento ao texto de Puckett, podemos perceber que o trabalho do professor da Universidade da Califórnia comete uma série de erros e mal entendidos - principalmente ligados à sua percepção que a metodologia braudeliiana traria consigo (por algum bizarro motivo que ainda me escapa) uma forma completamente nova de se entender a história da teoria da narrativa - que fazem com que a tese inicial de Richardson, quer dizer, de que a *master narrative* dificilmente é contestada, como cabal mesmo depois de 18 anos de sua concepção. Assim, entre uma curiosa afirmação como “We could then turn to another, later figure less often associated with but no less important to the development of narrative theory, the philosopher Georg Wilhelm Friedrich Hegel” (PUCKETT, 2018, p. 19 GRIFO NOSSO)⁶ e a sua “inovadora” percepção da *Poética* de Aristóteles como “(...) a narrative theory *avant la lettre*” (PUCKETT, 2018, p. 18)⁷, o que Puckett efetivamente faz em seu artigo ao não se opor a *master narrative* mas tentar incorporá-la numa narrativa ainda maior, é fruto de uma confusão aparentemente simples: a *master narrative* da teoria da narrativa é, como não

⁶ A curiosidade de uma afirmação como essa se dá pela vastamente conhecida associação de Hegel com a teoria do romance através da sua cunhagem do gênero romanesco, em seu *Curso de Estética*, como “a épica burguesa”, conceptualização essa que, infelizmente, perdura até hoje em manuais de literatura.

⁷ Tal afirmação não parece inteirar-se que o trabalho de Aristóteles foi uma referência básica em obras como o *Discurso da Narrativa* (1989) de Genette, obra essa que estabeleceu a *lingua franca* da narratologia.

deixou de evidenciar Richardson, a história *moderna* da teoria da narrativa e que de forma alguma essa história desconsidera a existência de precursores e antecedentes⁸, em outras palavras, o que Puckett entendia como “novidade” é a distinção que alguns teóricos como Ansgar Nünning (2005) já faziam entre teoria da narrativa (*lato sensu*) e narratologia (*stricto sensu*).

O equívoco de Puckett ao deixar a sua a leitura histórica totalmente dependente da *master narrative*, não obstante, não é invisível ao editor do *Companion*, Matthew Garrett, contudo, ao contrário do que poderíamos supor, tal forma de leitura é considerada por ele como uma virtude do trabalho de Puckett e não um problema:

The volume’s program is announced in Part I in Kent Puckett’s treatment of key figures in what might be called the prehistory of narrative theory but which we prefer to consider simply part of its history understood at the scale of the long duration. Aristotle, Hegel, Marx, Nietzsche, and Freud, among others, are taken by Puckett to be preeminently concerned with the relationship between story and discourse – between, that is, what stories tell and how they are told. One virtue of this opening chapter is that it suitably miniaturizes the achievements of narrative theory since its proper emergence in the 1960s, even if this is the period of codification and cross-disciplinary formation. But another, positive virtue is at least as important: namely, a generous opening of the house of narrative theory, a letting-in of air and history, so that students and scholars alike can approach reading and writing about narratives with amore capacious and dialectical imagination than the oxygen-depleting terms “narratology” and “narrative theory” too often invite. (GARRETT, 2018, p. 2-3 GRIFFO NOSSO).

Com efeito, não há de se dizer que o texto de Puckett não tenha pontos positivos ao apresentar uma proposta metodológica distinta (falaremos sobre isso mais a baixo) da usual genealogia foucaultiana de seus antecessores Fludernik (2005) e Herman (2005), mas o que se nota de uma forma geral no *The Cambridge Companion to Narrative Theory* é uma reprodução – talvez disfarçada – da *master narrative*. Não surpreende, assim, que a presença de Barthes e Genette, por meio de seus respectivos *S/Z* e *Discurso da narrativa*, “(...) are cited more than any other texts in this volume” (GARRETT, 2018, p. 3).

Se, como você já deve imaginar, a obra de nenhum latino-americano é considerada a listar na principal versão histórica internacional e exterior da teoria da narrativa, no próprio contexto da América Latina a questão não parece muito melhor.

⁸ Para uma base de comparação, nenhuma das duas versões dessa história anteriormente citadas aqui cometem esse equívoco.

A MASTER NARRATIVE E A AMÉRICA LATINA

Nesta seara, em um vistasso simples sobre o tema, é possível observar que o que nós reproduzimos majoritariamente ainda hoje em nossas (escassas) produções a esse respeito não é o *plot* “The rise and rise of narrative”, como diria Fludernik, mas o ultrapassado *plot* “The rise and fall of narratology” como visto, por exemplo, no texto “Estruturalismo” (1998) de Ivan Teixeira para a revista CULT em 1998 (publicado apenas 2 anos antes do texto de Richardson para a *Style* em que exaltava o “renascimento” da área) no qual o professor da USP compreende “estruturalismo” e “narratologia” como a mesma coisa:

O estruturalismo representou a maior revolução metodológica nas ciências humanas nos últimos cinquenta anos, sendo certo que hoje se encontra em relativo descrédito, embora algumas de suas postulações se tenham incorporado definitivamente ao próprio modo de ser do pensamento contemporâneo (TEIXEIRA, 1998, p. 34).

Decerto, até o momento, um dos pouquíssimos trabalhos de escopo histórico acerca da teoria da narrativa dentro do contexto latino-americano que ultrapassa o *plot* “The rise and fall of narratology” é o artigo “Da análise estrutural da narrativa (1996) à narratologia, de Wolf Schmid (2014). Um breve histórico (também da terra *brasilis*)” (2017), de Günter Pressler e a sua elucidação sobre o tema não parece das mais animadoras.

Assim, em seu trabalho voltado ao cenário nacional, o pesquisador alemão afirma, de forma bastante categórica, que o histórico desta vertente passou “(...) sem um sinal de debate no Brasil” (PRESSLER, 2017, p. 104). Para chegar a essa afirmação Pressler percorre, com bastante acidez, por publicações como *A criação literária* de Massaud Moisés⁹, *A narrativa trivial* de Flávio Kothe¹⁰, *Análise Crítica da Narrativa* de Luiz Gonzaga Motta¹¹ e a “Narratologia e Meta-Historiografia” (2010) de Alexandre Abreu¹², todas, para Pressler, sem o devido rigor científico necessário para esse gênero de publicação:

⁹ Que julga, a um primeiro momento, “clarificador”, mas que logo suas reedições “devem chegar, finalmente, ao limite, seu limite epistemológico, pois usar a literatura crítica ultrapassada, que tem um valor bastante informativo e descritivo, não é mais considerável” (PRESSLER, 2017, p. 106).

¹⁰ Segundo Pressler, o problema da obra é que “se preocupa com o discurso ideológico e não “narratológico” (PRESSLER, 2017, p. 106).

¹¹ “Tem mais falácia do que rigor de investigação científica” (PRESSLER, 2017, p. 107).

¹² Pressler dirá que o dito trabalho se presta a “uma análise do romance *A Gloriosa Família*, de Carlos M. Pestana de Santos, aplicando suas leituras teóricas de forma mecânica” (PRESSLER, 2017, p. 107).

Como ressaltamos, não se trata, nos texto [sic] referidos, de uma linguagem científica ou uma abordagem científica que deve ser comprovadamente entendida como uma linguagem lógica. Parecem mais narrativas do que textos críticos. Luiz Motta “se filia à narratologia”, mas a Narratologia não é um clube, é uma teoria praticada e não recontada; deve prevalecer o modo dissertativo (PRESSLER, 2017, p. 108).

Esse cenário de terra arrasada que nos pinta o pesquisador alemão, contudo, parece ser fruto de uma miopia histórico-metodológica que o faz cometer equívocos ainda maiores do que os apresentados por Kent Puckett, a começar pelo fato que Pressler não parece se dar conta que se Luiz Motta não preenche com seu trabalho “A grande lacuna de estudos narratológicos *stricto sensu*, no Brasil” (PRESSLER, 2017, p. 108) é porque, para ele, esse modelo *stricto sensu* de narratologia, quer dizer, o que hoje convencionamos chamar de narratologia clássica, não mais se apresenta como um modelo viável de metodologia. Tal posicionamento por Motta se mostra muito claramente em seu artigo “Análise pragmática da narrativa: teoria da narrativa como teoria da ação comunicativa” para a publicação portuguesa *Narrativa e Media: gêneros, figuras e contextos* (2017). Diz Motta:

Esse modelo de análise imanentista, inspirado no estruturalismo – episteme hegemônica na segunda metade do século passado – revelou-se por si mesmo insuficiente para compreender a dinâmica das narrativas na sociedade moderna. O esgotamento da narratologia estruturalista suscitou a necessidade de instrumentos capazes de capturar a *comunicação narrativa*. Esses instrumentos já estavam se consolidando bem antes do advento das mídias digitais. A dinâmica das novas modalidades apenas tornou o modelo imanentista ainda mais obsoleto (MOTTA, p. 44 GRIFO NOSSO).

Ou seja, ainda que Pressler compreenda uma *master narrative* que sustente o *plot* “The rise and rise of narrative”¹³ - visto que, além de citar referências contemporâneas a esse respeito, também dá a entender uma linhagem histórica da teoria da narrativa com quase 100 anos¹⁴ de existência -, o que estranhamente o pesquisador alemão faz em sua

¹³ Pressler tem uma biografia acadêmica atrelada ao Brasil visto que é doutor pela USP e atualmente é professor da Universidade Federal do Pará. Não obstante, sabendo da passagem do pesquisador pelo ICN - Internacional Center of Narratology da Universidade de Hamburgo -, isto é, o mesmo que organiza a série “Narratologia” que inclui os aqui já citados *What is narratology?* (2005) e *The handbook of narratology* (2009), fica patente o seu conhecimento da *master narrative* como história “padrão” da teoria da narrativa.

¹⁴ A saber: “(...) desde o início do século 20 (K. Friedemann, H. James, G. Lukács, V. Slovskij, P. Lubbock, E. M. Forster, V. Propp, N. Friedman, F. K. Stanzel, E. Lämmert), passando pelos Estruturalistas (R. Barthes, J. Greimas, U. Eco, G. Genette), desembocou em trabalhos de S. Chatman, M. Bal, J. Lotman, S. Rimmon-Kenan, G. Prince, C. Reis/A. C. Lopes, D. Herman, A. e V. Nünning, J. Pier, J. Ch. Meister, W. Schmid, M. Fludernik” (PRESSLER, 2017, p. 104).

relação é reforçar o *plot* da morte da narratologia *strictu sensu*, tal qual como qualquer outro pesquisador brasileiro que já tenha falado vagamente sobre o assunto. Mas os equívocos de Pressler não param por aqui.

Mesmo que tenhamos em vista apenas uma narratologia *strictu sensu* – quer dizer, diretamente relacionada ao estruturalismo francês - na história da produção acadêmica brasileira, Pressler igualmente falha em seu trabalho quando demonstra o seu desconhecimento (ou proposital apagamento) histórico dos estudos estruturalistas nas universidades brasileiras ocorridos principalmente na década de 1970 e que gerou um grande debate público conhecido como a “querela estruturalista” no qual, como explica Regina Faria em seu artigo “A polêmica do Estruturalismo ou ‘Quem tem medo da teoria?’” (2008), participaram nomes inescapáveis da intelectualidade brasileira como Luiz Costa Lima, Affonso Romano de Sant’Anna, Silviano Santiago, Ana Cristina Cesar e José Guilherme Merquior:

A polêmica do estruturalismo, ocorrida na segunda metade da década de 70 do século XX, faz parte da memória do Rio de Janeiro, na medida em que lança uma luz no circuito intelectual da cidade e nas personagens que o compunham na época. Escritores, professores, alunos de Letras – PUC-Rio e UFRJ – são os interlocutores do debate (FARIA, 2008, p. 1).

Se consideramos, assim, três premissas básicas, *i. e.* 1) o fato de que a ausência de uma etiqueta como “narratologia” ou “teoria da narrativa” não faz com que uma obra teórica que tenha como objeto a narrativa não seja considerada uma “narratologia” ou uma “teoria da narrativa”¹⁵; 2) de que mesmo com a abertura metodológica do campo em questão, a partir dos anos de 1980 com a chegada das ditas narratologias pós-clássicas, não somos considerados à integrar a *master narrative* e; 3) de uma forma ainda mais problemática, obras que sim poderiam se encaixar em uma classificação *stricto sensu* de narratologia - como, por exemplo, as dos chilenos Martínez e Bonati bem como dos envolvidos na “querela estruturalista” aqui citados – produzidas por latino-americanos são invisíveis para essa narrativa mestra, chegamos a seguinte e fatal questão: qual a razão desse descompasso entre a história da teoria da narrativa e a América Latina?

¹⁵ Se isso não foi um impedimento para considerar obras hoje consideradas canônicas como *O discurso da narrativa* de Gérard Genette ou *S/Z* de Roland Barthes (que em momento algum se utilizam desses termos para descreverem o que fazem), me parece razoável dizer que o mesmo não deveria ser um impedimento para obras latino-americanas.

UMA POSSIBILIDADE DE INVESTIGAÇÃO

Dada a complexidade do tema, presumo que uma resposta inicial razoável para essa pergunta seria a de que não existe apenas uma razão, mas várias, cada qual relacionada a um fator político, ideológico, estético, cultural ou social (ou mesmo à infinitas combinações desses fatores) que são tão complexas quanto essa própria questão. Não obstante, acredito ser interessante de elencar ao menos duas, dentre as tantas possíveis, aqui: uma externa e uma interna à realidade latino-americana.

A começar pela externa, é possível dizer que a *master narrative*, em sua limitação em considerar eventos fora de sua rota principal, sofre de uma unidade paradoxal. Sob essa problemática, Brian Richardson dirá, em “Recent Concepts”, que:

The actual evolution and development of narrative theory cannot begin to be grafted onto the master narrative of critical theory as told by the poststructuralists. Indeed, the story of modern narrative theory does not fit well into the frame of any narrative history. There are far too many story strands, loose ends, abrupt turns, and unmotivated reappearances of forgotten figures and theoretical approaches to fit easily within any one narrative structure. The history of modern narrative theory is more accurately depicted as a cluster of contiguous histories rather than a single, comprehensive narrative (RICHARDSON, 2000, p. 172).

Brian Richardson não está sozinho nessa crítica. Outro a relativizar a *master narrative* é Brian McHale na terceira parte do Prólogo de *A Companion to Narrative Theory* com o seu texto “Ghosts and Monsters: On the (Im)Possibility of Narrating the History of Narrative Theory” (2005). Ao se utilizar da figura errática de Mikhail Bakhtin – pesquisador que não se encaixa bem em nenhuma tradição que compõe a *master narrative* – como pretexto de sua argumentação, McHale irá se perguntar: “What kind of history might a history of narrative theory be?” (MCHALE, 2005, p. 61)

Segundo o pesquisador americano havia, naquele momento, dois ângulos possíveis para se elaborar tal tipo de história: a primeira, identificada como “história das ideias” investigaria o sistema de ideias que veio a formar a teoria da narrativa, “(...) identifying the sources of its basic concepts and terms, tracing their refinements and complications at the hands of later theorists, and juxtaposing different states of the system” (MCHALE, 2005, p. 61); já a segunda abordagem chamada *genealógica*, proposta por Nietzsche e relida por Foucault, se preocuparia não apenas com as unidades de ideias e seus *pedigrees*, mas também “(...) with who knew whom, who taught whom, who published what and when (and who was prevented from publishing), who read what,

when, and under what circumstances, who brought the word from Moscow to Prague and what happened to it when it got there, and so on” (MCHALE, 2005, p. 61). McHale então faz o seu caso de que a ideia que essas duas abordagens poderiam ser conciliáveis, como apresentadas nos textos Herman e Monika que também escreviam o prólogo de *A Companion to Narrative Theory*, era impossível dada a tensão existente entre as duas:

This tension runs right through these histories, indeed (as I shall argue below) right through our discipline, where it is replicated at every level, under various terms. It is reflected in the current tension within the field between, on the one hand, its “classically” structuralist *narratological* tendencies and its *contextualist* tendencies (see Chatman 1990), broadly construed to include feminist narratology and other historicist varieties. Of all the terms that one might use to capture this tension, the most canonical of all are the ones with which I have titled the present section: *structure versus history* (MCHALE, 2003, p. 64).

Nessa relação, na qual “Seeking to contain its narratological Other, historicism represses narratology, just as, vice versa, narratology represses history” (MCHALE, 2005, p. 65), toda teoria da narrativa seria, para McHale, uma construção monstruosa e, conseqüentemente, toda história da teoria da narrativa seria apenas um relato de como esse monstro foi costurado com um pouco de cada coisa, quer dizer, “a retelling of *Frankenstein*” (MCHALE, 2005, p. 68).

Por certo, a ousadia da afirmação de McHale parece ser tanta que os próprios editores da publicação a qual o seu texto se insere fazem um *mea culpa* ao leitor, relativizando tal proposição:

McHale questions the work of Herman and Fludernik by using the insights of narrative theory to question the task we assigned to them. Specifically, McHale defines two different kinds of history – what he calls “history of ideas” and “institutional history” – and argues that the friction between them makes a true history of narrative theory an impossibility. In even more provocative terms, McHale suggests that there is an irreconcilable opposition between narrative theory that privileges “structure” (the Scylla of classical narratology) and narrative theory that privileges “history” (the Charybdis of narrative turnings). Though the necessity of sequence dictates that McHale’s essay be last in the prologue, that does not mean that you should take his word as final. Our own position is that the prologue is a provocation that opens up more questions than it settles (PHELAN; RABINOWITZ, 2005, p. 3 GRIFO NOSSO).

Esse *mea culpa*, contudo, de forma alguma tira a força do argumento de McHale que, como vimos, encontraria respaldo também na crítica de Richardson à *master narrative*.

Quanto a razão interna para esse fenômeno de apagamento da América Latina da história da teoria da narrativa, suporto a hipótese que, em um determinado e crucial momento tanto para a institucionalização da teoria da narrativa enquanto disciplina como para a formação indenitária da América Latina, nós mesmos, latino-americanos, não quisemos fazer parte dessa *master narrative*, mas sim, a partir da polêmica discussão *do lugar da cultura*, preferimos traçar uma outra, *delirante* história intelectual.

Sob essa perspectiva, que Saer desenvolve tanto em sua obra crítico-reflexiva – *La narración-objeto* (1999) e *El concepto de ficción* (1997) – como no seu projeto ficcional - expresso na sua trilogia de romances históricos *A Ocasión* (2005), *El Entenado* (2013) e *Las Nubes* (2006)¹⁶ –, a história da formação da identidade Argentina e, conseqüentemente, da América Latina é compreendida no sentido que, em “(...) sus orígenes latinos el verbo delirar significa *salirse del surco o de la huella*” (SAER, 2006, p. 1). *Mutatis mutandis*, considero - e o que sustento em meu doutorando em andamento pela Universidade Federal do Rio de Janeiro- que a história da teoria da narrativa latino-americana também segue esse preceito de sair do seu surco principal.

É preciso apontar, não obstante, que essa saída da rota não se dá por um fator *inerente* à condição latino-americana, mas como fruto de um projeto cultural e ideológico. Por esse motivo, tal história constitui-se de uma disputa de forças para o controle dessa narrativa delirante pelos seus atores principais e secundários que tem como pano de fundo um agitado contexto histórico-cultural no qual a formação do *boom* latino-americano, a mudança de paradigma político provocada pela revolução cubana (1953-1959), a proliferação das ditaduras militares quase generalizada na América Latina da segunda metade do século XX e, conseqüentemente, o êxodo intelectual para países como os Estados Unidos e França tem um papel tão fundamental quanto os personagens dessa história.

De forma exemplar, esse projeto de história *delirante* da qual me refiro pode ser visto de forma cristalina em uma obra propositiva como a Roberto Fernández Retamar, *Para una teoría de literatura hispanoamericana* (1995):

(...) sin duda la teoría del *nouveau roman* francesa [a narratologia clássica] no puede dar razón de la nueva novela hispanoamericana [a literatura do *boom*],

¹⁶ Romance histórico não corresponde exatamente ao resultado final desses romances visto que Saer, ao colocar em prática o seu conceito na sua linguagem, *delira* sobre o gênero. Mais sobre essa relação pode ser lida em meu trabalho “ARGENTINA, UM DELÍRIO. POR JUAN JOSÉ SAER” (2020) disponível nos anais do XI Congresso brasileiro de hispanistas.

ni ofrecer instrumentos críticos apropiados para su enfoque; así como la teoría del verso de otra lengua no puede ser trasladada mecánicamente a las realizaciones de la actual poesía hispanoamericana. Hay, además, en cuanto a las especificidades de la literatura hispanoamericana, un caso particular: el de la literatura cubana, que en la medida en que es fiel al carácter socialista de la sociedad que estamos construyendo, lleva a señalar sus vínculos con otras literaturas de países socialistas (RETAMAR, 1995 p.72-73).

O fragmento acima – retirado do texto “A propósito del círculo de praga y del estudio de nuestra literatura” originalmente publicado em 1972 – carrega em si vários elementos exemplares do projeto latino-americanista para a teoria da narrativa: a recusa da narratologia clássica e, conseqüentemente, a nossa participação na *master narrative*; a percepção de um contexto histórico que tanto abarcava a concepção de uma narrativa latino-americana que chegava a sua fase madura¹⁷ como um contexto político marcado pela revolução cubana; e, finalmente, o apelo à construção de *uma* teoria *própria* e “apropriada”. Essa concepção seria ainda reafirmada por Retamar em seu texto homônimo ao livro, “Para uma teoria de literatura hispanoamericana” [1977], lançado alguns anos depois de “A propósito”:

Las teorías de la literatura hispanoamericana, pues, no podrían forjarse trasladándole e imponiéndole en bloque criterios que fueron forjados en relación con otras literaturas, las literaturas metropolitanas. Tales criterios, como sabemos, han sido propuestos - e introyectados por nosotros - como de validez universal. Pero también sabemos que ello, en conjunto, es falso, y no representa sino otra manifestación del colonialismo cultural que hemos sufrido, y no hemos dejado enteramente de sufrir, como secuela del colonialismo político y económico. Frente a esa seudouniversalidad, tenemos que proclamar la simple y necesaria verdad de que *una teoría de la literatura es la teoría de una literatura* (RETAMAR, 1995, p. 82 grifo do autor).

A definição de Retamar é decisiva para a interpretação dessa história delirante. Veja: a paradoxal conceptualização do intelectual cubano, isto é, que ao mesmo tempo contesta a universalização da *master narrative* e condensa essa teoria literária latino-americana sob o numeral *uma* é um desejo - ou projeto – que, com efeito, fora

¹⁷ Quanto a isso, em seu artigo homônimo à compilação de ensaios, Retamar seria ainda mais claro: “Parece evidente que a estas alturas ya no es posible suscribirla frase citada de Mariátegui: "no prevé más esta teoría de la literatura. Pero no nos hace falta, por el momento, un sistema más amplio". (...) Pero ahora que en Hispanoamérica (la cual está entrando en su madurez) ese poema, esa novela le han sido dados con calidad y originalidad, es impostergable que la labor del crítico sea cumplida a plenitud” (RETAMAR, 1995, p. 86-87).

compartilhado com toda uma geração de intelectuais utópicos que atuaram principalmente na década de 1970 por uma unificação da América Latina¹⁸.

Tal geração de 70 se via como perpetuadora de uma tradição latino-americanista que vinha se construindo por toda a América Latina desde o século XIX com o cubano José Martí e o peruano José Carlos Mariátegui, passando já no século XX pelo pensamento de intelectuais como o do dominicano Pedro Henriquez Ureña ou do venezuelano Mariano Picón Salas que buscavam numa “síntese harmoniosa”, “mescla” ou “mestiçagem” uma forma de se integrar a própria América Latina. Nesse sentido, Roseli Barros Cunha irá dizer que:

Podemos dizer que, por trás desses conceitos, manifestava-se nos quatro críticos a forte necessidade de defender e promover a integração do continente americano, fosse esta entendida entre os países de fala hispânica, no caso de Henríquez Ureña e Picón Salas, fosse concebida com o acréscimo do Brasil e, portanto, mediante o emprego do termo América Latina, por Rama e Ribeiro. Talvez se possa inferir que todo desejo de “harmonia”, “conciliação”, “mescla”, “transculturação”, “síntese” seja uma forma de sustentar a unidade almejada (CUNHA, 2007, p. 87).

Exemplarmente, a obra *Transculturación narrativa en América Latina* (2008), do uruguaio Ángel Rama - possivelmente o maior latino-americanista de seu tempo – aborda precisamente a confluência desses dois momentos: tanto da teoria da narrativa que chegava à América Latina como da ideologia latino-americanista integracionista que vigorava então.

Publicada originalmente em 1982 *Transculturación narrativa* é, na verdade, uma espécie de compilação de trabalhos de Rama no qual o intelectual uruguaio expõe a sua reflexão sobre o processo de transculturação narrativa que se apresenta como um modo em que certos elementos da cultura tradicional latino-americana resistiriam aos impactos modernizadores advindos de uma ou várias culturas externas e, com isso, se renovariam em uma terceira via, unificada. Tal processo, no qual o papel de “transculturadores narrativos” como José Arguedas, Juan Rulfo, Guimarães Rosa, Roa Bastos ou Gabriel García Marquez é, como descreve Hugo Pardo:

Proceso, a su vez, definido en base a la interacción de cuatro operaciones esenciales (pérdidas, selecciones, redescubrimientos e incorporaciones), las cuales, en la vi-sión de Rama, acababan por rearticular globalmente la cultura

¹⁸ Importante situar que apesar de Retamar se referir a essa teoria ao mundo hispano-americano, coisa que excluiria o Brasil de sua avaliação, seus pares geracionais se esforçariam para uma ampliação desse conceito como muito bem foi o caso de Ángel Rama.

tradicional, produciéndose para ello la intensificación de alguno de sus elementos. Tal como asevera Rama en su análisis, esta “plasticidad cultural”, “capacidad selectiva” o “tarea selectiva sobre la tradición” se fundamenta sobre dos comprobaciones. Por una parte, el registro de que “la cultura presente de la comunidad latinoamericana (que es un producto largamente transculturado y en permanente evolución) está compuesta de valores idiosincráticos, los que pueden reconocerse actuando desde fechas remotas” (PARDO, 2016, p. 83)

Tal abordagem de Rama se baseia em uma série de conceitos-chave que têm como elemento principal a transculturação proposta antropólogo cubano Fernando Ortiz no seu trabalho *Contrapunteo cubano del tabaco y del azúcar* em 1940 que seria uma forma particular de se analisar as particularidades da cultura cubana, diferenciando-se, nessa maneira, das distintas abordagens semelhantes que se tinha naquele momento sobre “aculturação”:

En 1940 el cubano Fernando Ortiz propuso sustituirlo por el término "transculturación", encareciendo la importancia del proceso que designa, del que dijo que era "cardinal y elementalmente indispensable para comprender la historia de Cuba y, por análogas razones, la de toda América en general". Fernando Ortiz lo razonó del siguiente modo: "Entendemos que el vocablo transculturación expresa mejor las diferentes fases del proceso transitivo de una cultura a otra, porque éste no consiste solamente en adquirir una cultura, que es lo que en rigor indica la voz anglo-americana aculturación, sino que el proceso implica también necesariamente la pérdida o desarraigo de una cultura precedente, lo que pudiera decirse una parcial desculturación, y, además, significa la consiguiente creación de nuevos fenómenos culturales que pudieran denominarse neoculturación."20 (RAMA, 2008, p. 39).

Roseli Cunha irá notar nessa apropriação e remodelagem do conceito de Ortiz por parte de Rama, isto é, da transculturação para a transculturação narrativa, um movimento precisamente dessa síntese entre o local e o universal numa unidade própria da literatura latino-americana de forma que “Em *Transculturación narrativa en América Latina*, Ángel Rama tratará de um tema recorrente relacionado à América Latina: sua almejada unidade” (CUNHA, 2007, p. 81). Durante aquele momento de 1970, não obstante, o que se apresentava a essa primeira geração de críticos universitários, por assim dizer, que buscavam uma renovação em seus métodos impressionistas para uma reflexão mais profunda, era exatamente a narratologia clássica que, como sabemos, teórico prezada precisamente pelo oposto dessa singularidade buscada por uma vertente da *intelligetzia* latino-americanista já que, como dirá e Jaime Francisco Agüero Negrete em *La Historia de la Teoría Literaria del s. xx* (2006):

El Estructuralismo atiende a generalidades y no a los detalles particulares. Toda obra es sólo vista como manifestación de una estructura abstracta mucho más general, de la cual ella es meramente una de las realizaciones posibles. Es decir: la obra individual sólo es vista como ejemplo de las leyes generales de una estructura (AGÜERO NEGRETE, 2005, p. 177).

O *delírio*, nesse sentido, para além da sua imperatividade num projeto literário latino-americanista, também deveria ser adotado como uma postura intelectual a divergir desse universalismo estrutural que não consideraria as peculiaridades tão alabadas pelos pesquisadores latino-americanos. Mas é preciso notar que esse desvio, assim como a literatura que Rama preza em seu estudo, também passará por um processo de transculturação. Nesse sentido, o impacto modernizador externo desses anos de 1960 e 1970, isto é, a narratologia clássica e o estruturalismo enquanto fenômeno nas ciências humanas, será, de alguma maneira, absorvido por Rama em seu estudo que, sem dúvidas, privilegia a estrutura narrativa como um dos três pilares de sua análise junto a língua e cosmovisão. Nesse sentido, como aponta, Hugo Pardo em seu texto “Transculturación narrativa: utopia programática modernizante” (2016), que:

Dentro de la incidencia de la antropología cultural sobre la crítica literaria latinoamericana, *transculturación narrativa* constituye su producción más elaborada. Aunque en ella también puede apreciarse cierto grado de incidencia de la reflexión cultural de la escuela de Frankfurt y resabios del estructuralismo. Este último sobre todo a nivel de análisis textual (PARDO, 2016, p. 82-83).

Ao falar do impacto cientificista do estruturalismo sobre a crítica latino-americana Claudia Gilman irá citar a Rama como um caso exemplar de forma que “la trayectoria de Ángel Rama, quien recién em 1970 recomendaba la lectura de los formalistas rusos que, soterrados durante cuarenta años, han emergido en las ancas del estructuralismo y conquistado fama universal como semilla de una revolución metodológica” (GILMAN, 2003, p. 309). Mas esse impacto deveria estar sobreposto de um outro, ainda mais importante para Rama, isto é, o seu projeto de unificação cultural:

Proponerse este análisis ahora, conlleva un matiz polémico. Reaccionando contra un torpe contenidismo que hizo de las obras literarias meros documentos sociológicos, cuando no proclamas políticas, un sector de la crítica ha hecho una reconversión autista igualmente perniciosa que, so pretexto de examinar la literatura en sus peculiares modulaciones, la recortó de su contexto cultural, decidió ignorar la terca búsqueda de representatividad que signa a nuestro desarrollo histórico, concluyendo por desentenderse de la comunicación que conlleva todo texto literario. Restablecer las obras literarias dentro de las operaciones culturales que cumplen las sociedades americanas, reconociendo sus audaces construcciones significativas y el ingente esfuerzo por manejar

auténticamente los lenguajes simbólicos desarrollados por los hombres americanos, es un modo de reforzar estos vertebrales conceptos de independencia, originalidad, representatividad. Las obras literarias no están fuera de las culturas sino que las coronan y en la medida en que estas culturas son invenciones seculares y multitudinarias hacen del escritor un productor que trabaja con las obras de innumerables hombres. Un compilador, hubiera dicho Roa Bastos. El genial tejedor, en el vasto taller histórico de la sociedad americana (RAMA, 2008, p. 24).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como uma avaliação preliminar de um trabalho em curso, poderíamos dizer que o delírio de Rama se dá, nesse sentido, de modo que a história da teoria da narrativa, então, precisava ser necessariamente uma história adjacente aos estudos culturais devido ao projeto de América Latina ao qual se deseja alcançar. Isto é, nesse cenário, a teoria da narrativa poderia, de alguma forma, existir no contexto latino-americano sob a condição de que sua programática servisse à outra, à ideologia latino-americanista. Nesse sentido, na nomenclatura “teoria da narrativa latino-americana”, o termo mais importante seria, precisamente, “latino-americana”.

Obviamente, para se chegar a considerações mais complexas e condizentes ao que proponho expor aqui seria necessário um trabalho muito mais extenso sobre esse grande recorrido histórico da crítica e teoria latino-americana o que, de fato, venho fazendo com a tese em desenvolvimento. Não obstante, acredito que o delírio que a história da teoria da narrativa na América Latina, enquanto projeto político-cultural, realiza definitivamente participou no nosso apagamento ou esquecimento da *master narrative* que vigora no restante do Ocidente ainda que isso não seja necessariamente bom ou ruim. Afinal, a saída pelo desvio, enquanto recurso canônico da estética universal, se caracteriza precisamente pela sua ambiguidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGÜERO NEGRETE, Jaime. **La historia de la Teoría Literaria del s. XX**. Tesis (Magíster en Literatura) - Facultad de Filosofía y Humanidades, Universidad de Chile, Santiago de Chile, p. 291, 2006.

CUNHA, Roseli. **Transculturação narrativa: seu percurso na obra crítica de Ángel Rama**. São Paulo: Humanitas Editorial, 2007.

FARIA, Regina. A polêmica do Estruturalismo ou “Quem tem medo de teoria?”. In: **Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC: Tessituras, Interações, Convergências**. São Paulo, 2008, n.p.

FLUDERNIK, Monika; RICHARDSON, Brian. Bibliography or Recent Works on Narrative. **Style**, vol. 34, n. 2, p. 319-328, 2000.

GARRETT, Matthew (ed.). **The Cambridge Companion to Narrative Theory**. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

GILMAN, Claudia. **Entre la pluma y el fusil: Debates y dilemas del escritor revolucionario en América Latina**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2003.

HÜHN, Peter *et al.* (eds.). **The handbook of narratology**. New York: Walter de Gruyter, 2009.

KINDT, Tom; MÜLLER, Hans-Harald (eds.). **What is Narratology?** New York: Walter de Gruyter, 2003.

MOTTA, Luiz. Análise pragmática da narrativa: teoria da narrativa como teoria da ação comunicativa. In: PEIXINHO, Ana Teresa; ARAÚJO, Bruno (eds.). **Narrativa e Media: géneros, figuras e contextos**. Coimbra: Coimbra University Press, 2017, p. 43-69.

PARDO, Hugo. Transculturación narrativa: utopía programática modernizante. **Acta Literaria**, 52, 2016, p. 81-101.

PEREZ, Diego. Argentina, um delírio. Por Juan José Saer. In: **XI Congresso brasileiro de hispanistas**, 11, 2020, Campina Grande, **Anais...**, Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/72700>. Acesso em: 10 de janeiro de 2021.

PHELAN, James; RABINOWITZ, Peter (Eds.). **A companion to Narrative Theory**. Oxford: Blackwell Publishing, 2005.

PRESSLER, Günter. “Da Análise estrutural da narrativa (1996) à narratologia, de Wolf Schmid (2014). Um breve histórico (também da terra brasilis)”. **Nova Revista Amazônica**, ano V, v. 3, set. 2017. Disponível em: www.encurtador.com.br/fqAW0. Acesso em: 20 de janeiro de 2021.

RAMA, Ángel. **Transculturación narrativa en América Latina**. 2ª ed. Buenos Aires: Ediciones El Andariego, 2008.

RETAMAR, Roberto Fernández. **Para una teoría de la literatura hispanoamericana**. Primera edición completa. Santafé de Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1995.

RICHARDSON, Brian. Recent Concepts of Narrative and the Narratives of Narrative Theory. **Style**, vol. 34, n. 2, p. 168-175, 2000.

SAER, Juan José. **Las Nubes**. Buenos Aires: Seix Barral, 2006.

TEIXEIRA, Ivan. Estruturalismo. **Cult**: Revista Brasileira de Literatura, (15), out. 1998, p. 34-37.

Recebido: 19 de abril de 2021

Aceito: 27 de maio de 2021